

DINHO 418

sh. (red)

Que tal saber o que a Teologia da Libertação tem a dizer sobre os indígenas? Vamos ouvir Frei Betto, o frade dominicano autor de "O que é Comunidade Eclesial de Base", "Batismo de Sangue", "Nicarágua Livre", "Fidel e a Religião" etc.

PORANTIM — O que o índio tem a ver com a Teologia da Libertação?

FREI BETTO — Eles têm a contribuir, primeiro porque são oprimidos e marginalizados, portanto, objeto de interesse da Teologia da Libertação. Segundo, porque os índios são filhos de Deus, também chamados a viver a plenitude, e estão dentro da missão evangelizadora da Igreja.

P — Esta mesma Igreja, historicamente, não teve maior preocupação em respeitar a cultura, a religião dos índios. Você acredita que hoje está havendo mudança quanto a isso?

FB — A mudança houve, sobretudo, a partir do trabalho do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), que passou a evangelizar a Igreja, a reeducar a Igreja, na medida em que mostrou que nós devemos não querer catequizar os índios, associando evangelização à traição das raízes culturais deles e integração ao nosso mundo, o dos brancos. Evangelizar o índio é permitir que ele se realize como índio, respeitando suas raízes, sua cultura e seus valores.

P — Há alguma ligação entre a luta geral da população brasileira pela transformação da sociedade e a luta específica dos índios por seus direitos?

FB — Sim, porque a luta específica dos índios é parte integrante dessa luta geral pela libertação, na medida em que ela inclusive toca num dos pontos centrais do processo de libertação do Brasil, que é a questão da terra.

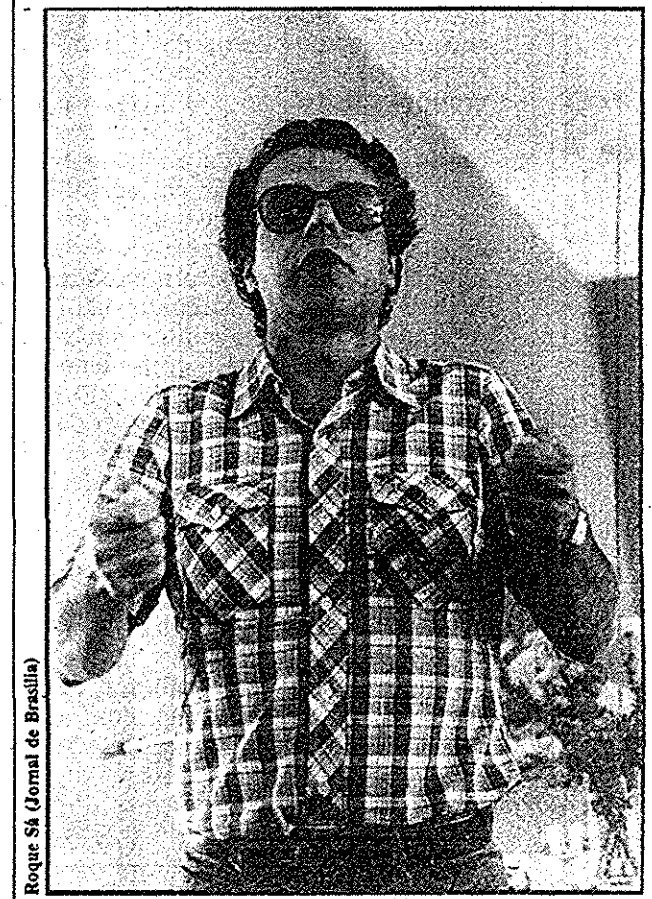
P — O índio tem algo a contribuir com a sociedade nacional?

FB — Sim, porque tem valores intrinsecamente socialistas, socializantes e pode nos ensinar um modelo alternativo de sociedade, mais fraterno, mais social, onde o direito de cada um seja respeitado, principalmente o dos mais fracos, como as crianças e os idosos.

P — O que você espera dos Povos Indígenas?

FB — Que eles continuem cada vez mais tentando pacificar a nós, os brancos.

"Evangelizar o índio é permitir que ele se realize como índio"



Roque Sá (Jornal de Brasília)

Como a teologia, a mulher, o negro, o artista e o trabalhador rural vêm os índios?

Frei Beto, Irede Cardoso, Tião Preto, Carlito Maia e Zé Francisco respondem

Vamos entrar no gabinete de Iredê Cardoso, ve-readora do PT, em São Paulo, para saber o que essa jornalista e militante da causa da mulher pensa sobre os índios. Vale lembrar que foi Iredê a autora da lei que instituiu a Semana do Índio no município de São Paulo.

PORANTIM — Qual o seu conceito sobre o índio?

IREDE CARDOSO — O índio é um ser humano diferente, com uma cultura diferente. Como tal, deve ser absolutamente respeitado em nome da humanidade. Se o branco não consegue entender essa diferença, ele está colocando em risco sua própria sobrevivência.

P — Os índios têm algo a nos ensinar?

IC — Claro. Principalmente quanto à agressividade. Eles não batem em crianças. Não é fascinante? A organização coletiva também, o que mostra sua superioridade, mas que, diante da cultura branca, pode não sobreviver. Afinal, eles são criados para a paz e não para a guerra. Se o branco tivesse a valentia do índio, estaríamos numa democracia. O povo brasileiro tem muito a aprender com o índio. No momento em que isso ocorrer, alcançaremos a democracia.

P — Os índios devem participar na Constituinte? Como?

IC — Eu sempre defendi candidaturas avulsas, através de associações. A organização partidária é extremamente autoritária, e não podemos fazer com que o índio se submetesse a isso. Se ele encontrar, realmente, associações indígenas que o defendam seria o melhor.

P — O que a nova Constituição deverá assegurar aos índios?

IC — A segurança de suas terras, primeiramente. Isso é fundamental para que ele sobreviva. Segundo, juntamente com índios e antropólogos, que representariam a sociedade civil, o Governo deveria criar uma comissão que restabeleceria a política indigenista no País. Aos que infringissem a lei, deveria haver punições fortíssimas. O cidadão que não a respeitasse deveria ser considerado maldito na sociedade.

"Se o branco tivesse a valentia do índio, estaríamos numa democracia"



Mário de Freitas

Continuando a enquete para saber como a sociedade nacional vê o índio, PORANTIM procurou um segmento que é aliado natural dos povos indígenas: os negros. Sebastião Araújo de Souza, o popular "Tião Preto", integra o Grupo de União e Consciência Negra (Grucon). Engajado há 13 anos em movimentos populares, como os dos favelados, garimpeiros e bóias-frias, participa diretamente da organização de seus irmãos negros há três anos. Hoje, é trabalhador sem-terra, além de cordelista e sambista, e vive na região de Dourados, MS, onde há muitas comunidades indígenas.

PORANTIM — Qual a relação do movimento negro com o movimento índio?

TIÃO PRETO — Eu acho que não está desligada uma questão da outra. Quando se pergunta por que os índios estão mais organizados do que os negros, há uma resposta fácil: o índio não perdeu sua identidade; apesar de perder terras, perder a maioria da população, ele nunca saiu de sua pátria. O negro foi traído de fora e houve uma jogada muito grande para separar pais, irmãos, mães. Então, até hoje o negro está desagregado, não consegue se situar.

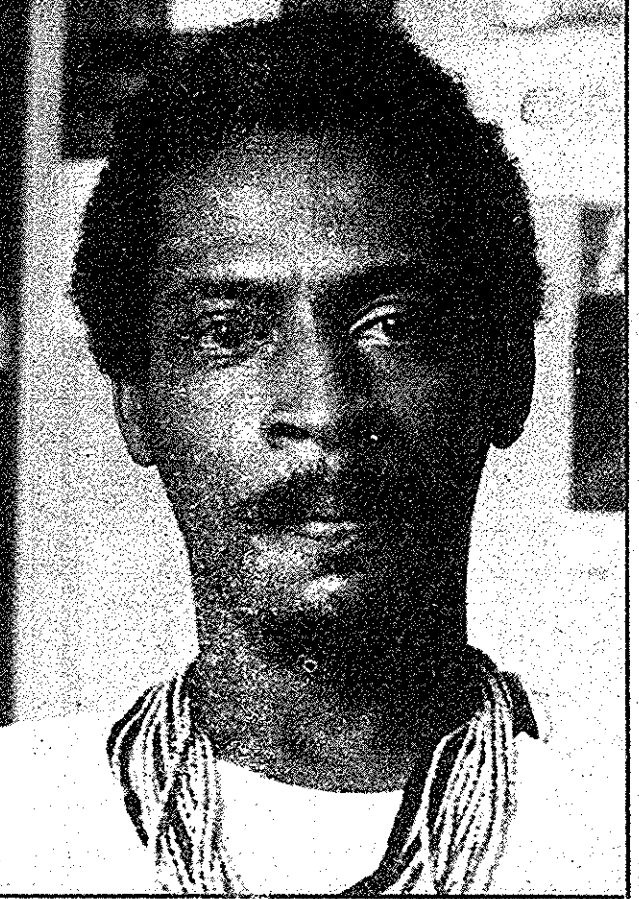
P — Como seus companheiros vêm os índios?

TP — Há uma diferença. Quem mora em São Paulo ou no Rio de Janeiro, por exemplo, não tem tanta consciência. Mas aqueles que são lavradores como a gente, que mora no interior, têm uma consciência muito grande dessa luta. Na região onde moro, existe um grande apoio por parte dos sem-terra, que têm uma grande força dentro da organização dos lavradores. Existe uma afinidade muito grande entre o pessoal que se diz branco e os índios.

P — Você vê ligação entre a luta específica dos índios e a luta geral do povo brasileiro para mudar a sociedade?

TP — Acho que essa união tem de acontecer. Os índios, os sem-terra, os negros, a CUT, os sindicatos têm de se unir. Para mudar alguma coisa no Brasil, tem de haver discussão; não uma discussão com todo mundo junto, mas cada um trazer suas sugestões e depois fazer uma discussão geral.

"Os índios, os sem-terra, a CUT, os sindicatos têm de se unir"



Railda Herrera

De Mato Grosso do Sul voltamos a São Paulo para conversar com o publicitário Carlito Maia, que está revolucionando a linguagem da TV com a criatividade e arte de reinventar o mundo para mudá-lo. No ano 2000, ele completará 76 anos de reinvenção da palavra, através da TV, das cartas, dos bilhetes e das flores enviadas aos amigos. Vamos ouvir suas palavras sobre os índios.

PORANTIM — A organização indígena pode contribuir para uma mudança na sociedade brasileira?

CARLITO MAIA — Nós temos de nos juntar todos e depois darmos um basta à exploração de quem quer que seja. Qualquer que seja a cor, qualquer que seja a ideologia, o credo religioso, qualquer que seja tudo. Nós não queremos ser explorados por ninguém. Nós temos direito à vida.

P — A luta específica do índio se insere na luta geral da sociedade brasileira por dias melhores?

CM — Claro. Ela está inserida, porque os índios que ainda existem — os remanescentes do genocídio — fazem parte do povo. Aí não é uma questão de ser índio ou não, faz parte da coisa chamada "cidadania". A cidadania índia tem de ser reconhecida evidentemente, porque eles são donos da casa. Quando fizermos isso, estaremos provando ter havido um progresso muito grande no caminho daquela coisa chamada democracia.

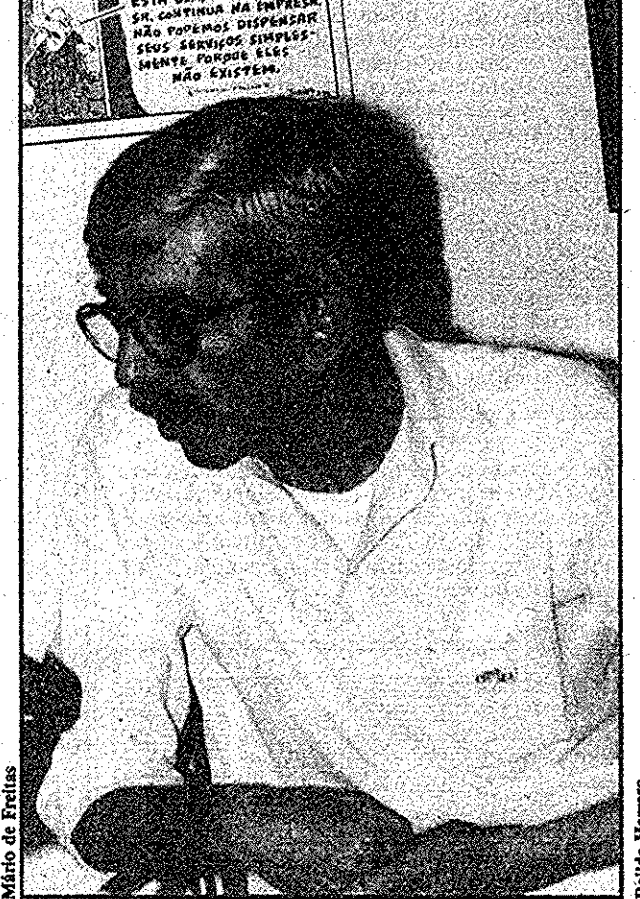
P — O que você acha da participação do índio na Constituinte?

CM — Eu responderia com um trocadilho: vamos índio, vamos indo pra Constituinte do povo, não a Constituinte do porão do Palácio do Planalto.

P — Você, como publicitário-artista, já fez algum trabalho específico em prol dos índios?

CM — Eu nunca fiz, mas sempre apoiou os movimentos da maneira que eu podia. Eu tenho uma preocupação pela maioria esmagada desse País e aí se incluem os índios; mas eu nunca fiz nada especificamente para eles. Peço desculpas a eles por isso.

"A cidadania índia tem de ser reconhecida porque eles são os donos da casa"



Mário de Freitas

O que pensa José Francisco da Silva sobre os índios? Eleito presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag) em 1968, Zé Francisco — como é conhecido — vem sendo confirmado no cargo a cada três anos, por eleição indireta. Neste mês de dezembro, provavelmente seu nome será apontado novamente para continuar presidindo essa confederação que congrega 2.600 sindicatos e 22 federações de trabalhadores rurais.

PORANTIM — O que significa reforma agrária, para o índio?

ZÉ FRANCISCO — A reforma agrária terá de ter, acima de tudo, a preocupação com as terras indígenas. Elas terão de ser respeitadas. Significa regularização, discriminação e definição das áreas que pertencem às comunidades indígenas.

P — Qual a participação do índio na reforma agrária?

ZF — O índio é uma pessoa aliada às lutas dos compositores e ele está lutando para definir as suas terras. Nessa altura, ele está estimulando os posseiros também a se organizar e lutar pela terra, pela propriedade da terra.

P — A organização dos índios pode contribuir com a luta dos lavradores sem terra?

ZF — Pode. Quer dizer, a própria forma de organização já é um estímulo, uma indicação para que os trabalhadores rurais se sintam mais estimulados para se organizar e pressionar.

P — Como os índios podem contribuir com os lavradores, quando se trata de formas de trabalhar a terra, de se relacionar com ela?

ZF — Eles têm toda uma experiência de trabalho em grupo, trabalho comunitário. É claro que a educação é um pouco diferente, a cultura também é diferente. Eles ainda não foram abarcados pelo vício do sistema capitalista, ao passo que, no caso, a reforma agrária, de um modo mais amplo, ainda vai ter de caminhar dentro de critérios capitalistas.

"A reforma agrária terá de ter, acima de tudo, a preocupação com as terras indígenas"



Railda Herrera